SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

15/06/2015 - Teletime

# Consolidação leva a menor competição e menos inovação, alerta comissária europeia

A comissária responsável pelo departamento de Competição da Comissão Europeia, Margarethe Vestager, colocou em xeque o principal argumento das operadoras de telecomunicações para justificar a recente onda de fusões e aquisições na Europa: de que, sem a consolidação nos mercados locais dos países da União Europeia, perdem a capacidade de aumentar os investimentos necessários em infraestrutura e qualidade de serviço. "Já ouvi esse argumento com frequência, mas não vi evidência de que seja o caso. Ao passo que há ampla evidência de que a consolidação excessiva pode levar não apenas a menos competição e contas mais caras para os consumidores, mas também reduz os incentivos à inovação nos mercados locais", disse a comissária nesta segunda, 15, em seu discurso durante uma conferência sobre as novas fronteiras do antitruste em Paris.

Margarethe pontuou que o estímulo ao crescimento, investimento e inovação é a prioridade da agenda da Comissão Europeia pelos próximos cinco anos para ajudar a Europa a virar a página na crise econômica que se estende há anos e que os investimentos não podem vir apenas dos governos. "Não podemos nos apoiar em financiamentos públicos apenas. Temos que nos certificar que as empresas invistam em nosso futuro. E as empresas investem para competir com suas rivais, para se diferenciar. Todos sabemos o velho ditado: a necessidade é a mãe da invenção. E mercados competitivos é que criam essa necessidade", enfatiza.

A comissária de Competição citou a entrada de um novo player no mercado móvel da França em 2009, a Free Mobile, como catalisador de investimentos naquele mercado e que é comum notar que "players abusam de suas posições dominantes para barrar a competição de operadoras alternativas", estas responsáveis também por grandes investimentos em rede.

Margarethe reafirma que o preço é um parâmetro crítico da competição nas análises da Comissão, mas ressalta que "garantir a pressão competitiva que incentive investimentos e inovação está no core das nossas análises".

O discurso da comissária indica que a Comissão Europeia deve ter uma visão mais crítica nas análises de fusões ainda pendentes na Euopa, como a compra da O2 do Reino Unido pela chinesa Hutchinson Whampoa e a fusão de sua unidade italiana com a rival Wind naquele país, reduzindo, em ambos os casos, o número de operadoras nos mercados locais de quatro para três. É possível que a Comissão force as empresas a fazer mais concessões para a aprovação dos negócios, como a determinação de que a Altice vendesse sua operação de cabo Cabovisão para dar o sinal verde à compra da PT Portugal da Oi.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

12/06/2015 - Telesíntese

# Qualidade ainda é deficiente na maioria dos estados, mostra Anatel

A qualidade da banda larga nos três primeiros meses de 2015 estava deficiente na maioria dos estados onde foi feita a medição, seja por tecnologia fixa ou móvel. É o que mostra o levantamento da Anatel, divulgado nesta sexta-feira, 12. Nesse trimestre, a TIM apresentou o maior número de estados com velocidades abaixo das exigidas pela agência, 40% na instantânea e 80% da média contratada. A Oi ficou em segundo lugar entre as operadoras de pior serviço móvel. Mas é a que apresenta maior deficiência na banda larga fixa, uma vez que atua na maioria dos estados, com exceção apenas de São Paulo.

A Nextel foi a única a não apresentar deficiências, mas opera em número menor de estados entre as grandes móveis. A Vivo e a Claro apresentaram menos deficiências que as demais. Algar e Sercomtel falharam nos estados onde atuam. Na fixa, depois da Oi, a GVT superou a Net em deficiência de serviços.

No mês de janeiro, a velocidade da banda larga da TIM ficou abaixo da exigida em 14 estados. A Oi falhou em nove; a Vivo, em cinco e a Claro, em um. A Algar apresentou serviço deficiente em dois estados.

Na banda larga fixa, o serviço da Oi esteve com velocidade menor do que a estabelecida pela Anatel em 14 estados. A GVT falhou em cinco e a Net em dois. Vivo e Algar apresentaram deficiências nas conexões em um estado cada.

No mês de fevereiro, a TIM apresentou pequena melhora com deficiências na banda larga móvel em 12 estados. A Oi falhou em dez e a Vivo, em quatro. Claro, Algar e Sercomtel apresentaram velocidades menores da exigida em um estado cada. Na fixa, A Oi falhou em 12 estados; a GVT, em quatro; a NET, em dois; e Vivo e Algar, em um cada.

A TIM piorou em março, com velocidades da banda larga móvel reduzidas em 16 estados. A Oi mostrou deficiência em oito estados; a Algar em quatro; Claro em três; e Vivo em dois. Sercomtel falhou em apenas um. Na fixa, o serviço da Oi ficou aquém em 16 estados. A Net falhou em quatro e a GVT, com ligeira recuperação, ficou abaixo da velocidade exigida em três. Algar e Vivo falharam no mesmo estado, em São Paulo.

Para as medições da banda larga fixa, foram escolhidos, por sorteio, voluntários que se inscreveram por meio do site www.brasilbandalarga.com.br. O levantamento foi feito a partir dos dados registrados pelos medidores (whiteboxes) instalados nos domicílios dos voluntários selecionados em 26 estados. Já para avaliar as conexões móveis, os medidores são instalados em colégios atendidos pelo Projeto Banda Larga nas Escolas Públicas Urbanas.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

15/06/2015 - Jornal GGN

# O dia em que a Folha voltou a ser a Folha

Com dez anos de atraso, a Folha retomou – não se sabe se definitiva ou pontualmente – a saga que a levou a ser, nos anos 70, um refrigério dentro das limitações impostas pela ditadura e, nos anos 80 e 90, um jornal amado.

O jornal não se fez simplesmente aderindo às diretas. Durante os anos 80 e 90, passou a representar a jovem geração moderna, com seus hábitos arejados, novos padrões culturais, que vinham à tona com a gradativa descompressão da sociedade civil e com a modernização de hábitos e costumes.

Representava novos costumes, nova tolerância, a defesa contra toda espécie de corporativismo, a temática cultural nova.

Mesmo a porraloquice era perdoada, as matérias construídas como produto, imitando uma Veja que ainda não se metera no esgoto do jornalismo. Com todas suas deficiências, foi o jornal que melhor expressou o grande pacto civilizatório representado pela Constituição de 1988.

Os leitores sabiam que esbirros autoritários de quem fosse, demonstrações de poder de tiranetes, abusos contra a consciência cívica em algum momento provocariam uma reação da Folha, através de editoriais, reportagens ou de colunistas que gozavam de relativa margem de liberdade.

Era o único jornal de quem se poderia esperar investir contra a manada, embora, muitas vezes, conduzisse seus shows de linchamento.

As pesquisas internas mostravam um perfil de leitor essencialmente social-democrata, com uma maioria tucana, um tucanato liberal, com o perfil de Covas e Montoro; um bom percentual petista, e uma faixa conservadora-civilizada, sem enveredar pelo bolor do conservadorismo anacrônico de outros veículos.

Há dez anos, ainda líder do mercado de opinião no país, o jornal jamais poderia ter se colocado a reboque do jornalismo mais execrável já produzido em tempos modernos, o esgoto que Roberto Civita plantou na Abril e jorra intermitente da Veja.

Dia a dia, todos os grandes momentos da Folha foram sendo engolfados por essa incorporação do espírito Veja. A coragem de defender as eleições diretas, o dia em que se insurgiu com as jogadas da Veja com Golbery, o editorial destemido com que encarou Fernando Collor, no auge de seu poder, os grandes gestos passaram a ser encobertos por loas à ditabranda, o fim da diversidade que marcou a melhor fase do jornal e a celebração diuturna do preconceito e do ódio.

Cega, sem saber como se colocar na transição mais complicada já enfrentada por grupos de mídia, nos últimos anos a Folha cometeu vários ilícitos jornalísticos.

Abraçou o obscurantismo, investiu em reportagens escandalosamente armadas, copiando em segunda mão o estilo vergonhoso da Veja. Junto com os demais grupos de mídia, abriu espaço para que a oposição ganhasse a cara macilenta de um José Serra, Aloyzio Nunes, Carlos Sampaio, Demóstenes Torres.

Chegou a abrir espaço para que um colunista de fora do jornal ocupasse a nobre página de Opinião para tratar como quadrilheiros repórteres que ousaram criticar o discurso obscurantista de Demóstenes no Supremo, contrário às cotas - do qual o próprio colunista havia sido o ghost writer.

Há algum tempo a cobertura do jornal vem mostrando respiros civilizatórios perceptíveis.

Mantem o velho vício do esquentamento de manchetes, muitas vezes indo contra o espírito da reportagem. Exercita idiossincrasias que ficariam melhor no Estadão.

Mas o editorial de hoje – contra os abusos dos presidentes da Câmara e do Senado -, é um marco, tão fundamental quanto o editorial que segurou os esbirros autoritários de Fernando Collor.

Rompe-se a blindagem inexplicável da mídia que, em nome do combate político, aceitou incensar os piores políticos da República, portadores dos mais anacrônicos princípios morais e do mais deslavado negocismo. E, na alma da Folha, a imagem do velho Frias se sobrepõe, finalmente, à de Roberto Civita.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

# Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

A grande próxima batalha se dará em torno da recondução de Rodrigo Janot ao cargo de Procurador Geral da República. Com todas as críticas que se possa fazer ao seu estilo, sua eventual derrota para um Eduardo Cunha, Renan Calheiros e Fernando Collor será uma derrota das instituições para o coronelismo mais desbragado.

## EDITORIAL

### Submissão

Num futuro não muito distante, a aliança entre grupos políticos moderados e fundamentalistas religiosos obtém expressiva vitória eleitoral. Logo se estabelece, num país de tradições laicas e liberais, o predomínio da repressão, do obscurantismo e do preconceito.

Em "Submissão", polêmico livro de Michel Houellebecq recém-traduzido no Brasil, imagina-se o domínio de certa "Fraternidade Muçulmana" sobre o Estado francês.

O Brasil por certo não é a França retratada nesse romance, e se o fanatismo de alguns grupos traz perigo à sociedade ocidental, não há sinais de sua atividade em São Paulo, no Rio de Janeiro ou em Brasília.

Um espírito crescente de fundamentalismo se manifesta, contudo, em setores da sociedade brasileira –e, como nunca, o Congresso Nacional parece empenhado em refleti-lo, intensificá-lo e instrumentalizá-lo com fins demagógicos e de promoção pessoal.

O ativismo legislativo que se iniciou com a gestão de Eduardo Cunha (PMDB-RJ) na Câmara dos Deputados, e que Renan Calheiros (PMDB-AL) não deixou de seguir no Senado, possui o aspecto louvável de recuperar para o Parlamento um padrão de atuação e de debate por muito tempo sufocado.

Essa aparência de progresso institucional se acompanha, porém, dos mais visíveis sintomas de reacionarismo político, prepotência pessoal e intimidação ideológica.

Tornou-se rotineiro, nos debates do Congresso, que este ou aquele parlamentar invoque razões bíblicas para decisões que cumpre tratar com racionalidade e informação.

Condena-se a união homoafetiva, por exemplo, em nome de preceitos religiosos e de textos –não importa se a Bíblia ou o Corão– que podem muito bem ser obedecidos na esfera privada, mas pouco têm a contribuir para a coexistência entre indivíduos numa sociedade civilizada e plural.

Muitas religiões pregam a submissão da mulher ao homem, abominam o divórcio, estabelecem proibições a determinado tipo de alimento, condenam o consumo do álcool, reprovam o onanismo, legislam sobre o vestuário ou o corte de cabelo.

Nem por isso se pretende, nas sociedades ocidentais, adaptar o Código Penal a esse tipo de prescrições, dos quais muitos exemplos podem ser encontrados no texto bíblico. Sobretudo, não é função do Estado legislar sobre a vida privada.

Ainda assim, num evidente aceno a parcelas crescentes do eleitorado, uma verbiagem religiosa toma conta do Congresso.

Nos tempos de Eduardo Cunha, mais do que nunca a bancada evangélica se associa à bancada da bala para impor um modelo de sociedade mais repressivo, mais intolerante, mais preconceituoso do que tem sido a tradição constitucional brasileira.

O conservadorismo sem dúvida é forte no Brasil; a pena de morte, a redução da maioridade penal, a rejeição ao aborto e à liberação das drogas têm apoio em larga parcela da população –e diante de tais assuntos, naturalmente, cada pessoa tem o direito de se posicionar como lhe parecer melhor.

Mas nossa sociedade também é, felizmente, mais complexa do que pretendem os mais conservadores.

A tradição do sincretismo religioso, da liberalidade sexual, do bom humor, da convivência com pessoas vindas de todos os países e das mais diversas culturas, a prática do respeito, da cortesia e do perdão constituem elementos tão cultivados na identidade brasileira quanto o que possa haver –e indiscutivelmente há– de autoritário e violento em nosso cotidiano.

O debate entre essas forças contraditórias é constante e, a rigor, interminável. Não combina com o açodamento das decisões que, em campos diversos, têm sido tomadas na Câmara dos Deputados.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

Seria equivocado criticar seu presidente por ter finalmente posto em votação algo que se arrastava há anos nos labirintos da Casa, como a reforma política. É inegável, entretanto, que Eduardo Cunha atropelou as próprias instâncias institucionais ao impor ideias como a do distritão na pauta de votações.

A toque de caixa, questões intrincadas como a do financiamento às campanhas eleitorais sofreram apreciações seguidas, e nada comprova mais a precipitação do processo do que o fato de que, em cerca de 24 horas, inverteram-se os resultados do plenário.

Uma espécie de furor sacrossanto, para o qual contribui em grande medida o interesse fisiológico de pressionar o Executivo, alastra-se para o Senado. No susto, acaba-se com a reeleição e se altera a duração dos mandatos políticos. O cidadão assiste a tudo sem sentir que foi consultado.

No meio dessa febre decisória, há espaço para que o Legislativo comece a transformar-se numa espécie de picadeiro pseudorreligioso, onde se encenam orações e onde se reprime, com gás pimenta, quem protesta contra leis penais duras e sabidamente ineficazes.

Setores políticos moderados se veem quase compelidos a conciliar-se com a virulência ideológica dos que consideram a defesa dos direitos humanos uma complacência diante do crime; dos que consideram a defesa do Estado laico uma agressão contra a fé; dos que consideram a racionalidade ocidental uma forma de subversão, e as conquistas do iluminismo uma espécie de conspiração diabólica.

Os inquisidores da irmandade evangélica, os demagogos da bala e da tortura avançam sobre a ordem democrática e sobre a cultura liberal do Estado; que, diante deles, não prevaleça a submissão.

15/06/2015 - Vermelho

# Balança comercial mantém recuperação e registra melhor resultado ano

A balança comercial brasileira manteve a tendência de recuperação na segunda semana de junho e registrou um superavit de US$ 678 milhões. Com o resultado, o somatório do mês alcança US$ 2,65 bilhões. Pela primeira vez no acumulado do ano, as importações superam as exportações em US$ 349 milhões.

Entre os dias 8 e 14 de junho, as exportações somaram US$ 4,5 bilhões e as importações, US$ 3,9 bilhões.

Houve um crescimento de 22,6% na média diária de vendas nas duas primeiras semanas de junho, em comparação a todo o mês de maio. Em relação a junho de 2014, o aumento foi de 0,4%.

O resultado se deve a um aumento nas exportações de produtos manufaturados, influenciados fortemente por vendas de plataforma de extração de petróleo, suco de laranja não congelado, veículos de carga, açúcar refinado, entre outros produtos.

Já os produtos manufaturados tiveram uma queda de 8,2% nas vendas, assim como os produtos básicos, com retração de 6,2%.

O Brasil também importou menos. A média diária de junho ficou em US$ 732,8 milhões, 19,1% a menos que no mesmo período de 2014. Houve redução no gasto com combustíveis e lubrificantes, automóveis, equipamentos mecânicos, aparelhos eletrônicos e farmacêuticos.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: TGT Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

15/06/2015 - Vermelho

# Programa Bolsa Família reduz deficit educacional no país

O programa Bolsa Família garante renda para as famílias brasileiras, além disso, contribui para o aumento significativo do número de estudantes que concluíram o ensino fundamental até os 16 anos.

Iniciativa contribuiu para aumento significativo do número de estudantes que concluíram ensino fundamental até 16 anos

Em 1992, o percentual era de apenas 7% entre os mais pobres. Em 2013, esse percentual saltou para 56%. O resultado faz parte da pesquisa Plano Nacional de Educação e Programa Bolsa Família, elaborada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). O levantamento foi apresentado na última sexta-feira (12).

Entre 2003 e 2013, segundo a pesquisa, a escolaridade média entre os mais pobres aumentou em um ritmo mais acelerado que o do restante da população. As pessoas em situação de pobreza passaram a ter 2,2 anos a mais de estudo, enquanto os outros 80% da população ganharam 1,3 ano de estudo.

De acordo com o coordenador-geral de Integração e Análise de Informações do MDS, Flávio Cireno, o bom resultado se deve ao acompanhamento da condicionalidade de educação dos alunos beneficiários do Bolsa Família e à articulação intersetorial das políticas públicas. "Os beneficiários do programa estão dentro da escola e aumentando a escolaridade média. Hoje, está acontecendo uma revolução silenciosa no país graças à integração das políticas", disse.

## Acesso à educação

Para o professor da Universidade de Brasília (UnB) e integrante do Conselho Nacional de Educação, Joaquim José Soares Neto, o Bolsa Família contribuiu muito para a melhora do acesso à educação no Brasil.

"A pesquisa demonstra um considerável avanço. Talvez não na velocidade que gostaríamos. Mas não podemos ser pessimistas e dizer que o resultado é ruim. Isso não é verdade", afirmou. Neto ressaltou ainda que a condicionalidade de educação é um compromisso importante para garantir a frequência escolar das crianças e jovens.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

12/06/2015 - Vermelho

# Petrobras registra mais dois recordes de produção no pré-sal

A Petrobras bateu, em maio, dois novos recordes mensais de produção no pré-sal. A produção operada pela companhia, que inclui parcela da Petrobras e de suas parceiras, atingiu seu maior nível no período, alcançando 726 mil barris por dia (bpd), com aumento de 1,6% em relação a abril (715 mil bpd). Desse total, a parcela própria atingiu nova marca histórica, de 519 mil bpd, superando em 3,2% o patamar de abril (503 mil bpd).

A produção total de petróleo e gás natural, no Brasil e no exterior, em maio de 2015, atingiu 2,766 milhões de barris de óleo equivalente por dia (boed), 6,2% superior à produção de maio de 2014 (2,605 milhões boed) e 0,7% abaixo do volume produzido em abril (2,785 milhões boed).

No Brasil, a produção total de petróleo e gás natural da Petrobras em maio alcançou 2,574 milhões boed, 0,8% inferior à de abril (2,596 milhões 596 boed).

A produção exclusiva de petróleo da Petrobras chegou a 2,111milhões de barris de petróleo por dia (bpd) em maio, 1% abaixo da registrada no mês de abril (2,134 milhões bpd).

A produção de maio foi afetada por mais paradas de plataformas para manutenção. Esse efeito foi parcialmente compensado pela operação do sistema de produção antecipada do campo de Atapu (na área da cessão onerosa), com o FPSO (sigla em inglês de plataforma que produz, armazena e descarrega petróleo) de São Vicente, no pré-sal da Bacia de Santos.

Além disso, foi recuperada a produção da plataforma P-58, na área conhecida como Parque das Baleias, na Bacia de Campos, após conclusão da parada para manutenção em abril.